

DIMENSÕES DOCENTES. Porto Alegre, v.1, n. 2, 2024.

## **História de vida e formação docente: uma filha de João e Maria em terra de gigantes**

### *Life Story and Teacher Training: A Daughter of João and Maria in a Land of Giants*

Denise Ana Augusta dos Santos Oliveira<sup>1</sup>

 0000-0001-7791-7755

**RESUMO:** Este texto narra uma história. Não uma história com a dos contos de fadas. Mas sim a história real de uma família comum, como tantas outras que coexistem num mundo real. O objetivo deste texto é dar visibilidade a um processo de superação de uma menina filha do “chacarereiro” e que aprendeu a ler o mundo ao mesmo tempo em que aprendia a ler a palavra mundo. Por meio desta quem vos escreve estas palavras, muitas outras pessoas puderem aprender a ler outras palavras e dar visibilidade as suas narrativas orais. Dialogo com referencias críticos tais como Freire (1986, 1987), Baktin (1992), Vigostki (1993), Evaristo (2016) e Fairclough (2019) me auxiliam a tecer os fios das minhas palavras bordadas de afeto e gratidão a quem me antecedeu e esperança aos que virão após.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agricultura; História de Vida; Formação de professores.

**ABSTRACT:** This text tells a story. Not a story like those in fairy tales, but the real story of an ordinary family, like so many others that coexist in the real world. The aim of this text is to highlight the journey of a girl, the daughter of a “chacarero,” who learned to read the world while learning to read the word “world.” Through this, the writer of these words, along with many others, was able to learn to read other words and give visibility to their oral narratives. Dialogues with critical references such as Freire (1986, 1987), Bakhtin (1992), Vygotsky (1993), Evaristo (2016), and Fairclough (2019) help me weave the threads of my words, embroidered with affection and gratitude for those who came before me and hope for those who will come after.

**KEYWORDS:** Farmer, Life Story, Teacher Training.

### *Histórias de quem conta histórias*

*Toda pessoa deveria ser aplaudida de pé pelo menos uma vez na vida,  
porque todos nós vencemos o mundo.  
(Auggie em Extraordinário de R. J. Palacio)*

Dou início à minha narrativa com a citação de Palacio (2004) em seu livro Extraordinário. A autora narra a história de Auggie, um menino que nasceu com uma

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação em Ciências e Saúde (PPGECS) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).  
Docente do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Saúde (PPGECS) – Universidade do Grande Rio (Unigranrio|Afya).

deformidade genética na face e passa por dezenas de cirurgias até que a doença se estabilize aos dez anos de idade. Nessa fase, ao ir à escola, Auggie precisa se superar a cada dia, enfrentando preconceitos e bullying. Mesmo com o apoio dos pais, que o encoraja a desistir se não se sentir à vontade, ele não o faz. E o que essa história pode ter a ver com a minha ou a sua? Isso é o que há de extraordinário nas histórias: cada um pode se identificar com elas de diferentes formas, e não há certo ou errado nisso.

O texto é um evento aberto. Isso quer dizer que o contexto afeta a interpretação e possibilita muitas construções de sentido. Um texto “interage com o contexto da situação e da cultura em que está inserido” (SALLES; DELLAGNELO, 2019, p. 418). Quando Auggie afirma que toda pessoa deveria ser aplaudida de pé pelo menos uma vez na vida, do meu lugar de fala, tenho que concordar. Além de mensurar o tamanho das dores e delícias que cada um de nós experimentou na vida, é inquestionável que, do lugar de fala de cada um de nós, tivemos nossas lutas diárias, as causas pelas quais lutamos ou pautas que defendemos e que, me arrisco a afirmar, dizem respeito ao direito à vida, à liberdade e ao direito de sermos diferentes, de ser quem realmente somos. E é isso que Auggie nos ensina: desde o início do ano de 2020, cada um de nós vem vencendo o mundo, cada qual à sua maneira.

Possivelmente, algumas narrativas farão menção ao momento que marcará a história da humanidade. No caminho, um vírus nos colocou em um processo de ressignificação das nossas práticas pedagógicas; e na educação não foi diferente. Incertezas sobre o retorno das aulas presenciais, insegurança nas aulas remotas síncronas e assíncronas, limitações tecnológicas quanto aos aparelhos e à conectividade, a dor e o luto. É difícil até mesmo encontrar as palavras certas ao descrever esse período. Cada dia vivido foi um dia vencido. Talvez, e apenas talvez, uma palavra que o defina seja resiliência. Resiliência é uma palavra que vem do latim *resilire* e significa “voltar atrás”, e foi exatamente isso que precisei fazer em diversos momentos: voltar, retornar, rever, repensar, ir à origem, ao princípio para conseguir seguir adiante. Vencer o mundo muitas vezes significa saber a hora de dar um passo atrás, ganhar impulso e prosseguir.

São histórias que construímos e que nos constituem desde sempre. Penso semelhantemente a Meireles (2016), não há nenhum dentre nós que não guarde memórias de infância que não se remetam a tradições recebidas por via oral. Eu tenho as minhas. Gerações que antecederam aos que hoje são escritores foram contadores de histórias orais; os narradores permanecem no anonimato e, com o tempo, a arte de contar histórias foi cedendo lugar às práticas de leitura, e tudo o que se aprendia por ouvir contar se apreende agora na leitura.

Entretanto, nessa história, há uma parcela significativa da população que foi, e ainda o é, alijada de ser autora de suas próprias narrativas.

As histórias estavam ali, em toda parte, no mundo inteiro. Representavam os discursos hegemônicos de uma época que, pouco a pouco, foram reunidos, recontados, reescritos e imortalizados em contos tradicionais, referenciando-se em modos de pensar, viver e estar nas sociedades. O ofício de contar histórias é tão antigo quanto a existência da humanidade, que foi selecionando as experiências indispensáveis à vida e as transmitindo pelo poder mágico da palavra.

Gosto de pensar no significado do “Era uma vez...”, tão comum nos contos maravilhosos e nas fábulas. Nele, não há um comprometimento com um tempo específico; apenas nos remete a um tempo passado, impreciso, indeterminado, pois o que era já não é mais, passou. Mas isso não significa que as marcas das histórias que vivemos não estejam ainda em nós; pelo contrário. A constituição do que entendemos de quem somos hoje, tanto no que denominamos subjetividades quanto na nossa compreensão sobre os aspectos éticos, políticos, estéticos, econômicos, sociais e religiosos, ocupa um espaço-tempo determinado e representa um modo de ler o mundo e significá-lo que só é possível pelos muitos “Era uma vez que vivemos”.

Este texto tem como objetivo apresentar a narrativa de uma história de vida e discutir o lugar da linguagem na constituição do sujeito e as marcas discursivas entre o real e a fantasia, revelando as contradições sociais. Transitando entre o lugar do faz de conta e o que acontece, vou iniciar do lugar da fantasia, onde reina o faz de conta que todos nós já tivemos um dia, no desejo de que os sonhos possam se tornar realidade. Para isso, o primeiro passo é sonhar. O sonho é algo semelhante a um plano mentalmente elaborado e, em seguida, ao sistematizar esse sonho em um plano, ele se torna um projeto. Então, esta escrita é um sonho rigorosamente sistematizado para que possa ser compreendido por quem não o sonhou. Esse texto sintetiza os sonhos materializados em projetos, muitos sonhados antes da minha existência.

### ***Muito além do “Era uma vez...”***

Chamo cada experiência vivenciada de “Era uma vez...”, como nos contos de fadas ou nos contos maravilhosos, pois nem sempre sabemos precisar quando nos tornamos quem somos. O que talvez seja mais fácil de estabelecer é uma marcação temporal da percepção de quando nos reconhecemos como o que estamos sendo feitos a cada dia.

Souza e Albuquerque (2012) nos fazem pensar que os modos de ver o mundo

correspondem ao lugar que o olhar e a palavra ocupam na construção dos sentidos que conferimos à experiência de estar no mundo. Entendo que os sentidos são construídos dentro de determinados contextos sociais. Com isso, voltando à origem do que me traz a escrever essas linhas, rememoro meus bons momentos, aqueles que me conduziram até aqui e que me nutrem de fé e esperança na cura da humanidade de seu egoísmo autodestrutivo. Sim, eu acredito nisso!

Meu olhar ocupa o lugar de ver o mundo sob a ótica da infância, das crianças às quais dedico meus dias de trabalho e pesquisa, e que me trazem a certeza de que é preciso continuar acreditando que outro mundo, outras realidades são possíveis. Pode parecer estranho esse lugar onde me coloco, e talvez se argumente que não é possível estar ali; entretanto, sustento a defesa de que a infância é o lugar onde cada um dos que leem essas palavras já teve passagem. O exercício que agora faço é um ato maior do que o de empatia; é uma relação de alteridade.

Faço a colocação das palavras de Bakhtin (1992), pois é nesse exercício de alteridade que vou me constituindo. Para o autor, meu ser reflete noutro ser em uma relação recíproca. As crianças que já passaram pela minha vida profissional, por mais de vinte anos na profissão docente, fazem de mim o que sou hoje e justificam e explicam o meu eu. Enquanto me constituía nesse ser professora, também contribuía na constituição de cada uma delas, por cada palavra dita ou silenciada, por cada história lida ou contada. Da mesma forma que Bakhtin afirma que não é possível que alguém defenda sua posição sem relacioná-la a outras, defendendo as muitas posições que ocupo hoje, sem deixar de lado a que estou sendo agora.

A linguagem é parte irredutível da vida social e está intrinsecamente interligada a muitos outros elementos da vida social. Vigotski (1993) entende a linguagem como constitutiva das pessoas em seus aspectos biológicos e sociais, sendo por meio das relações discursivas que a humanidade se comunica, registra e modifica sua história. Bakhtin estudou a contribuição da “linguagem na constituição da subjetividade”. Um importante ponto de confluência entre os dois autores refere-se ao aporte da linguagem no estudo das realidades humanas (RIBEIRO, 2009, p. 213). Dialogando com Fairclough (2019), entendo que existe uma relação entre linguagem e sociedade que “se baseia em uma percepção da linguagem como parte irredutível da vida social, dialeticamente interconectada a outros elementos sociais” (RESENDE; RAMALHO, 2014, p. 11). Assim, compreendo que é por meio da linguagem que constituímos nossa subjetividade; farei uso desse suporte para registrar algumas palavras vividas.

Carrego comigo o compromisso moral e social de falar sobre minhas origens, pois minhas raízes permanecerão plantadas firmes no solo fértil onde frutifiquei. Meu desejo é que

outros tantos homens e mulheres, pais e mães, meninos e meninas, filhos e filhas de trabalhadores das cidades ou das roças, muitos com pouca escolarização, não adormecem seus sonhos de serem ou fazerem aquilo que mais desejam. Eu, filha de João e de Maria, dois trabalhadores rurais, recebi o título de Doutora em Educação em Ciências e Saúde por uma das maiores universidades federais do país. Eu, filha de João, segurei nas mãos caledas pelo cabo da enxada de meu pai para ensiná-lo a escrever seu próprio nome, apenas quatro letras e tanto significado: J O Ã O.

### ***A dimensão pessoal de um sonho***

João não tinha uma irmã chamada Maria e não viriam a se perder numa floresta densa numa noite escura. Tinha apenas um sonho. João não jogou pela janela as sementes de feijões mágicos que cresceriam além das nuvens, encontrando um castelo e enfrentando um gigante em busca da galinha dos ovos de ouro. O gigante de João era outro. João encontrou Maria em terras distantes das suas de origem, no sertão de Sergipe, pois aquelas eram terras secas, rachadas pelo sol após um longo período de estiagem: chuvas, raridade; água, preciosidade. Maria foi uma mulher que tinha muitos sonhos. Numa viagem de aventura para São Paulo, dois retirantes nordestinos partem em busca de seus sonhos, da promessa de uma vida melhor, e iniciam seu “Era uma vez...” enquanto construíam suas histórias em busca do seu “... e viveram felizes para sempre”.

João e Maria tiveram três filhas, um cabo de enxada para lavrar a terra e um sonho. Para eles, a chuva determinava o tempo de plantar, de cuidar e de colher. Quando a chuva tardava, o cabo da enxada ecoava estridente no chão, a cada cova aberta à espera de suas sementes (algumas de feijões não mágicos) que sedentas receberiam seus gotejamentos diários. Mas, quando a seca era intensa, as folhinhas teimosas em nascer pareciam tristes, murchas. Também houve dias em que as chuvas foram intensas. Era tanta água que alagava tudo; ou então, a enxurrada que descia das ladeiras arrastava o que encontrava pela frente. Foram-se então os feijões que ainda eram sementes ou os feijões em brotinhos; pouco importava! O trabalho de dias estava indo “por água abaixo”.

Mas não havia tempo ruim para os dois; eles tinham um sonho a perseguir. Não teve sol, chuva ou frio que os parassem, pois seus sonhos eram que suas filhas estudassem. No dia seguinte, lá estavam eles escrevendo a minha história. Sim! A minha história tem início com a história deles. Minha história se constitui de ciclos, tais quais os ciclos da natureza: tempos de

arar a terra, adubar, semear, cuidar, tratar das ervas daninhas, colher e recomeçar. Isto eu aprendi com meus pais, que, com muita sabedoria e conhecimento de vida, me ensinaram que não adianta lançar sementes fora de época, nem tão pouco tentar adiantar a colheita ou, por distração, passar do ponto. Tudo tem seu tempo.

Enquanto isso crescia em mim o gosto pelos desenhos que formavam as letras e que, unidas uma a uma, costuravam palavras escritas. Sempre fui de poucas palavras, mas de muitos olhares. Enquanto observava a vida que meus pais viviam, a leitura da palavra me proporcionou a descoberta de outro mundo, enquanto crescia ainda mais em mim o gosto pelo desenho de letras e palavras que significavam o mundo. Era um mundo contraditório, pois o mundo de João, meu pai, não era o mesmo daquele que descobri num livro de capa dura, costurado, com muitas palavras entrelaçadas e algumas imagens que representavam um menino chamado João, subindo no tronco frondoso de um pé de feijão, buscando em terras de gigantes a promessa da “galinha dos ovos de ouro”. Poderia até ser fantasia, mas esse cenário foi a realidade de tantos conterrâneos nordestinos que vieram buscar em São Paulo, terra de gigantes, a promessa de uma vida melhor.

Aprendi a ler o mundo com a leitura das palavras tecidas nele. Tive a certeza de que seria professora a partir do momento em que entendi que não era justo que tanta “gente grande”, como meu pai, meus tios e minhas tias, não tivessem tido o direito de aprender a ler. O meu aprender a ler, em certa medida, significou que meu pai, tios e tias pudessem ler através de mim. Além de “professora” do meu pai, nas manhãs de domingo, eu era leitora das cartas recebidas e escriba das que meus tios enviavam para Sergipe com notícias de como era “dura” a vida em terras de gigantes.

O sonho dos meus pais se tornou realidade. Estou aqui com os olhos lacrimejados, após ter alcançado o nível máximo da formação acadêmica de uma pessoa, e que agora se permite o direito de contar a sua história. Usando as palavras de Evaristo (2016), digo a você, meu leitor, que, se estivesse me vendo no momento exato da escrita destas palavras, veria lágrimas rolando sobre a minha face entre lábios que sorriem felizes. E você se perguntaria: são tantas lágrimas que eu me perguntei se seriam olhos ou rios caudalosos sobre a face?

Talvez, quanto à dimensão pessoal, eu já tenha deixado clara qual a importância que esse processo tem, e eu faço questão de que essa parte da minha vida fique registrada. Ser professora foi meu primeiro sonho. Depois deste, nunca mais parei de sonhar. Um sonho, como tantos outros: alguns loucos, outros bobos, alguns tão próximos e outros que parecem

inatingíveis.

### ***Quando me tornei professora***

E, pouco a pouco, crescia em mim o sonho de ser professora quando eu ainda era uma menina. Eu quase consigo dizer o dia exato em que esse sonho brotou em mim, pois é tão forte, tão perto, tão presente essa lembrança: a lembrança de quando descobri algo terrível sobre o meu pai, que até então eu desconhecia. Foi então que conheci João:

*Seu João.*

*João Baiano,*

*João Careca*

*João da chácara.*

*Muitos sendo apenas um,*

*Único por seu jeito singular de ser.*

*Um homem de mãos calejadas, palavras pouco refinadas,*

*Na infância, a enxada e uma lata d'água na cabeça,*

*Seus companheiros.*

*Pés descalços no chão fissurado pela seca do sertão.*

*Foi numa época de seca das “bravas”.*

*Que mesmo quando antes de ler palavras,*

*Sabia muito bem o poder que as palavras têm.*

*Para ele,*

*Lápis significava um objeto de escrever palavras de um futuro melhor.*

*Caderno, o lugar onde o lápis poderia escrever as palavras desse futuro melhor.*

A filha do chacareiro. Era assim que eu era conhecida na minha infância. A menininha tímida, de poucas palavras e de pensamentos acelerados, analisava cada fala, cada imagem e cada contradição social que vivenciava. Alguns que me leem sabem que o cheiro de certos vegetais leva tempo para sair das mãos. Meus pais plantavam alface, couve, repolho e outros vegetais. Dentre eles, o coentro possui características muito particulares. Quando a gente tinha que tratar do coentro nos canteiros da chácara onde fui criada, era certo que o cheiro seria o nosso perfume por algumas horas, mesmo lavando bem as mãos. Ser a filha do chacareiro sempre me foi encantador. Eu amava tratar a terra, plantar sementes de beterraba, raleir as cenouras, plantar as mudas de alface ou ainda espalhar as salsas espigadas para retirar-lhes as sementes. Houve um tempo em que desejei fazer agronomia para continuar o trabalho dos meus pais, mas o desejo de ensinar outras pessoas a questionarem o mundo foi maior.

Sabe como é o trabalho com a agricultura? É um encontro contraditório entre algo mágico e assustador. A magia acontece e se repete a cada ciclo: arar a terra, plantar as sementes,

cuidar, espantar invasores, contemplar e colher. E depois repetir tudo novamente. O assustador vem estampado nos rótulos. Cuidado! Veneno! A marca da caveira foi muito presente na minha infância. Entre embalagens de defensivos agrícolas, ainda menina, sem conhecer aqueles riscos, assisti meu pai trabalhar dia após dia com produtos que carregavam a imagem de uma caveira. E, hoje, muitos anos depois, aquela imagem da caveira faz muito sentido na vida da nossa família. Vou retomar essa história com vocês mais adiante. Agora, volto a narrar como me tornei professora.

O meu primeiro encontro com as primeiras leituras de Paulo Freire se deu com o ingresso no curso de formação de professores em nível médio na cidade onde nasci. Ali, pela primeira vez, ouvi algumas poucas e boas palavras sobre educação emancipadora e educação bancária. Ali já ouvia falar sobre as experiências desenvolvidas na educação das classes populares, os primeiros questionamentos sobre os motivos pelos quais agimos de determinada maneira e não de outra. Com o amadurecimento das discussões e o aprofundamento das leituras desenvolvidas ao longo de muitos anos, ainda que essas leituras fossem rasas e se desenvolvessem em contextos diversos, alguns conceitos foram se tornando parte da professora que sou e que a cada dia vem se refazendo.

Paulo Freire, ao falar aos professores e professoras, nos traz a consciência crítica das muitas situações contraditórias, excludentes e segregadoras que o mundo social impõe. Freire me faz pensar também sobre o abismo que impera entre o que se fala e o que se faz, e, em certa medida, beira a hipocrisia, sendo um espaço importante a ser investigado. O futuro de que se fala é realmente o futuro que se quer? Se sim, por que a educação ainda alimenta nos oprimidos o sonho de serem opressores? Seria porque a leitura de mundo, que antecede a leitura das palavras, está sendo desvinculada da leitura da história? Seria a leitura de mundo a leitura de um registro fotográfico ou de um longa-metragem? Com o tempo e conforme as leituras aconteciam, alguns questionamentos foram surgindo e hoje eles me ajudam a tecer essas poucas linhas.

A professora que estou sendo, que busca a superação das contradições entre discursos e práticas, entende a educação como um ato de amor, sim. Um ato de amor às pessoas, suas histórias e suas lutas diárias. Amar é verbo, é ação. Paulo Freire me inspirou a pensar na ruptura de uma cultura do silêncio e na construção de uma consciência crítica sobre a importância do ato de ler. Ler palavras, obviamente, mas também exercitar uma leitura crítica do mundo.

Aprendi que o mundo não é justo e é demasiadamente contraditório, mas nem por isso se deve deixar de nutrir a esperança na superação das contradições entre oprimidos e opressores, numa busca incessante por uma educação que se faça libertadora. Para isso, é necessária uma dose de ousadia e um tanto de rebeldia. Rebeldia que se manifesta diante das injustiças, diante do que fere, exclui, humilha e segrega. Afinal, como seria possível existir pessoas que ainda têm negado o direito à palavra?

João, o chacareiro, matriculou-se na escola quase na mesma época que eu. Talvez ele quisesse me dar o exemplo do que tanto estava presente em seus discursos: “estude, minha filha”, “a escola é um lugar importante”, “estude para ser doutora”. Ele trabalhava pesado na agricultura e à noite frequentava uma sala de aula com um lápis na mão, um caderno embaixo do braço e uma obsessão. Queria que suas filhas tivessem acesso ao que a ele e a minha mãe lhes fora negado. O trabalho rural é importante, talvez encantador, mas certamente extremamente exaustivo. O trabalhador rural, nos tempos dos meus pais, não conhecia feriados, férias ou finais de semana. A semente não pode ser esquecida. Estavam eles lá, em dias de chuva e de sol.

Mesmo assim, todos os dias, por volta das dezessete horas, pouco antes de ir para suas aulas no período noturno, ele me pedia para ajudar a desenhar as letras. Suas mãos eram muito calejadas e grossas, sabe? Meu pai tinha muita dificuldade para segurar o lápis, pois, em sua vida toda, estava acostumado a segurar o cabo de uma enxada. Então, sentava-se ao meu lado e eu segurava sua mão, que pressionava o lápis com tanta força sobre a folha do caderno que chegava a rasgá-la.

Pai aprendeu a escrever "João". E eu tive participação nisso. Ele aprendeu o nome dele ao mesmo tempo em que aprendi o meu. Depois disso, não paramos mais, nem ele nem eu. Ele escreveu o A de alface, o B de beterraba, o C de couve, e assim, uma letra após a outra, uniu-as com os fios de suas esperanças. Eu? Aprendi a tecer os meus sonhos com os mesmos fios que herdei deles.

Entre letras unidas por fios de esperança, outras histórias foram tecidas por minhas mãos. As manhãs de domingo eram marcadas por dois eventos importantes. O primeiro era irmos a uma farmácia que ficava a aproximadamente dois quilômetros de distância para buscarmos as cartas remetidas de Sergipe para São Paulo. O segundo evento marcante era a leitura em voz alta dessas cartas para meus pais, meus tios e tias. E eu lia. Lia uma, duas e quantas vezes fossem necessárias. Recordo-me de histórias sobre pessoas que morreram,

peessoas que tiveram filhos e outras que estiveram doentes. Ah! E também se falava do tempo seco, da estiagem, das dificuldades financeiras e de como o gado estava magro. Em seguida, certamente, procedia-se à escrita das respostas das cartas feitas por mim. Minha família lia as palavras do mundo através dos meus olhos e as ouvia no ritmo da minha voz. Um dos meus tios me fazia ler repetidas vezes um mesmo trecho. Eu gostava muito de escrever, sabe? Gostava de ler também. Mas, para uma menina entre oito nove anos, era uma atividade cansativa. Mas, sem problemas. Eu teria a semana inteira para descansar até o próximo domingo chegar e retomar a escrita de novas histórias.

Nesse momento, evidencio que minha família, sem domínio do código linguístico da escrita, se fazia autora de suas escritas por meio de uma menina escriba<sup>2</sup>. Ali estavam eles, narradores de suas vivências e verdadeiros contadores de histórias orais. Entendo esse período como um meio tempo em que a oralidade cedia espaço para a escrita.

Numa viagem no tempo, desloco-me para alguns anos de exercício na profissão de professora. Acumulei histórias na educação pública e já tive passagem por diferentes etapas e modalidades. Na Educação Infantil, Paulo Freire me motivou a abrir as janelas de um mundo belo e contraditório para crianças ainda pequenas, mas cercadas de amor. Na Educação Especial, via-me diante das minhas próprias deficiências, das minhas próprias limitações. Na minha passagem pela direção de unidades escolares, vivenciei a cruel contradição que impera nos discursos docentes e suas práticas em sala de aula, mas foi na Educação de Jovens e Adultos que me vi diante de muitos “Joãos e Marias”, com quem muito aprendi e que tive o privilégio de acompanhar no processo de tomada de consciência sobre a leitura de mundo a partir de experiências próprias, de sua cultura, de sua história.

Valorizo a universidade como o centro de referência que construí durante toda a minha jornada acadêmica, e é esse hoje o meu lugar de fala. Em 2023, tornei-me doutora e, no mesmo ano, ingressei como docente em um programa de pós-graduação. Mas, de igual maneira, reconheço que historicamente, e pasmem, até recentemente, pessoas com a minha história de vida e com a minha origem não teriam acesso. Imaginem vocês se a filha de um agricultor, negro, sergipano e analfabeto poderia se tornar doutora em uma instituição pública federal? O fato de eu estar aqui, escrevendo estas palavras, já é parte de um movimento importante. Mas

---

<sup>2</sup> Na Antiguidade, escriba era a pessoa encarregada de escrever aquilo que lhe ditavam ou que copiava manuscritos. Na atualidade, uma professora, ao escrever o que as crianças dizem, torna-se a escriba do grupo. No caso deste artigo o sentido de escriba está relacionado à posição de uma menina que registra o que os adultos ditavam a ela.

isso não é suficiente. Esse movimento é lento e deve ser progressivo. O próximo passo é trazer para a pauta de discussões, além de métodos, metodologias ou técnicas de ensino, a necessidade de, em conformidade com Mignolo (2014), uma nova forma de pensar, ser e estar no mundo.

“todas as populações que vivam fora do pequeno espaço que é conhecido como ‘Europa ocidental’ sejam portadoras de um tipo de saber inferior, de uma interpretação inferior do mundo, de uma espiritualidade inferior, notadamente marcada pelo folclore e pela superstição, e não pela ‘verdade’” (FLOR DO NASCIMENTO, 2013, p. 4).

Minha história fala sobre cidadania, participação social e tomada de decisões contra discursos esvaziados de aplicabilidade social. As múltiplas formas de ver, viver e estar das pessoas na sociedade e nas suas relações com a natureza devem ser reconhecidas como formas legítimas de explicação do mundo. O que eu digo é que o conhecimento deve servir às causas humanitárias estabelecidas numa relação de horizontalidade, onde populações locais possam ser ouvidas sobre seus conhecimentos e necessidades. É o que Freire chama de uma ruptura contra a cultura do silêncio.

Na linha limítrofe entre os municípios de Guarulhos e Arujá, na região metropolitana do estado de São Paulo, ainda hoje resistem grupos de pequenos agricultores familiares, tal como meus pais foram até bem pouco tempo. São famílias inteiras que vivem do cultivo de hortaliças e que, para melhor aproveitamento e produção, buscam alternativas tecnológicas, como adubos orgânicos, pesticidas e agrotóxicos. Marcas comerciais desses produtos foram muito presentes na minha infância, assim como a imagem do meu pai que fazia uso deles sem qualquer equipamento de proteção individual. Lembra que disse que retomaria esse assunto? Pois bem, esse, para mim, é um exemplo clássico de como a precariedade de informação afeta as populações mais humildes, que têm maior propensão a sofrer os efeitos negativos de alguns produtos da ciência e da tecnologia. Isso reafirma uma das formas de colonização dos saberes que meus pais tanto possuíam sobre o domínio das técnicas de cultivo, transformando esse conhecimento em uma visão mágica que traria resultados mais rápidos e com maior viçosidade.

Não posso afirmar que, pelos usos inadequados dos produtos que traziam em seus rótulos a imagem de uma caveira, meus pais foram contaminados, que o solo foi contaminado e que eu e minhas irmãs, de certa forma, também fomos contaminadas, e a morte lenta e certa cumpre seu chamado. Talvez. Os pequenos rios que corriam pelo espaço de terra onde meus pais plantavam já não existem mais. Foram canalizados e, em cima de algumas nascentes de água — que na minha memória afetiva eram as minas d’água onde eu enchia latas, baldes e

fazia conchinhas com as duas mãos para matar minha sede e a de minhas irmãs — estão tristemente escondidas sob os alicerces de um prédio construído. Era uma vez uma nascente, e não ficou nenhum vestígio de sua existência.

Ouso afirmar que o modelo insustentável e verticalizado, que nega outros conhecimentos e a existência do outro, se torna evidente a partir do momento em que o custo humano do desenvolvimento científico e tecnológico é calculado numa equação que pesa vidas que valem menos ou por zonas que podem ser sacrificadas para que o progresso chegue. Na vida de famílias como as moradoras de muitas regiões da Baixada Fluminense ou das famílias de pequenos agricultores, essa conta é alta e a cobrança chega rápido. Muitos desses trabalhadores, incluindo pessoas que me viram crescer, foram acometidos por tumores cancerígenos, como minha mãe, meu tio e outras pessoas conhecidas da nossa região, todos trabalhadores da terra, sem instrução e sem orientação. Grande parte dessas pessoas ou é retirante nordestina ou é negra, ou ambas.

Essas reflexões são tecidas sobre uma realidade presente que dialoga com outros “faz de contas”. Uma maçã envenenada da Branca de Neve dos tempos modernos, como seria? Quem são os gigantes que tantos “Joãos e Marias” enfrentam diariamente? Como despertar tantas “Belas Adormecidas” de seus sonos profundos? Estaríamos vivendo um encantamento coletivo? Não tenho as respostas, mas tenho inquietações que me movem. O que sou hoje é resultado de muitas outras pessoas que vieram antes de mim.

### **Referências**

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Entre saberes e tradições: as contribuições das filosofias africanas. In: ENCONTRO DE TEÓLOGOS E TEÓLOGAS DA TRADIÇÃO DE MATRIZ AFRICANA, AFRO-UMBANDISTA E INDÍGENA DA REGIÃO SUL, 1., 2013, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: ATRAI, 2013. p. 1-17.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MEIRELES, C. *Problemas da literatura infantil*. São Paulo: Editora Global, 2016. p. 96.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. 2014.

PALACIO, R. J. *Extraordinário*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Leitura e produção de textos na universidade: roteiros de aula*. Coleção DEG Graduação. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

RIBEIRO, J. A.; PETRONI, M. R. Considerações teóricas de Bakhtin e Vigotski sobre o ensino de gramática: da proscrição ao desenvolvimento de competências linguísticas do aluno. Polifonia, 2013.

SALLES, H. K.; DELLAGNELO, E. H. L. A análise crítica do discurso como alternativa teórico-metodológica para estudos organizacionais: um exemplo do significado representacional. *Organizações & Sociedade*, 2019.

SOUZA, Solange; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. *Bakhtiniana: Revista Estudos do Discurso*, v. 7, n. 2, p. 89-102, dez. 2012. DOI: 10.1590/S2176-45732012000200008.

VIGOTSKI, Lev S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

*Recebido em: 02 out. 2024.*  
*Aprovado em: 26 nov. 2024.*

*Revisor(a) de língua portuguesa: a autora*  
*Revisor(a) de língua inglesa: a autora*  
*Revisor(a) de língua espanhola: a autora*